

Pesquisa mostra exagero na hospitalização de crianças

Recife — Mais de 50% do total de crianças internadas em hospitais com doenças respiratórias ou do aparelho digestivo, poderiam ficar curadas em casa, recebendo a assistência ambulatorial, que tem a mesma eficiência do tratamento hospitalar, desde que acompanhada seriamente por um médico e a família. Mesmo assim, aumentam em todo o país os internamentos em hospitais pediátricos, enquanto os ambulatórios ficam sem condições de oferecer melhor atendimento.

Esta é a conclusão a que chegou o pediatra Otelo Schwambach, professor adjunto do Departamento Materno-Infantil do Centro de Ciência e Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, ao fim de pesquisa em crianças com diagnóstico favorável ao internamento. Ficou comprovado que 65% não necessitavam de tratamento hospitalar. O pediatra diz que não apenas na área de pediatria há abuso na hospitalização: "No Brasil há uma grande preocupação do governo e autoridades médicas com o uso excessivo de hospital para tratamento de enfermidades que poderiam ser resolvidas em nível ambulatorial. E o próprio Ministério da Previdência reconhece que o sistema de pagamento por unidades de serviços também provoca o aumento da hospitalização".

Caso em estudos

A pesquisa realizada por uma equipe de pediatras chefiada por Otelo Schwambach foi feita no Hospital Geral de Pediatria do Instituto de Medicina Infantil de Pernambuco — IMIP — considerado um dos melhores centros de atendimento infantil do Nordeste. Ali, as crianças foram divididas em dois grupos: um passou a receber o tratamento ambulatorial e outro ficou hospitalizado. Nos dois, o acompanhamento foi constante, e as mães que tiveram seus filhos tratados em casa receberam orientação completa com relação à maneira de agir, chegando-se ao final do trabalho aos seguintes resultados: o tratamento ambulatorial demonstrou uma eficiência de 90%, enquanto o intrahospitalar 97%, com algumas desvantagens: é oito vezes mais caro e não oferece ao paciente o bem-estar a que ele está acostumado, uma vez que o ambiente de um hospital não pode ser comparado nunca ao de uma casa. "Além disso" — diz o pediatra — "o hospital traz efeitos danosos à criança não apenas pela agressão emocional mas também pelas infecções hospitalares a que ficam sujeitas".

Para a pesquisa foram selecionadas crianças com diagnósticos semelhantes e que não apresentassem desnutrição em ter-

ceiro grau. Um grupo passou a receber tratamento no ambulatório, com o médico realizando exames simples — de sangue e radiológico — para o diagnóstico.

Depois, apenas três tipos de medicamentos foram utilizados e naturalmente as mães receberam a medicação gratuitamente, porque a quase totalidade é pobre e não tem recursos para comprar remédios.

Além de dar os remédios, os pesquisadores doaram às mães fichas telefônicas e passagens de ônibus, para aquelas que precisam voltar ao ambulatório algumas vezes. "Com as fichas" — disse Otelo — "essas mães pobres fizeram o que qualquer outra mãe em melhores condições financeiras faz: ligaram para o ambulatório quando ocorria qualquer alteração no estado de saúde do filho."

Com esse esquema, todas as crianças tratadas em casa tiveram a mesma recuperação daquelas que ficavam hospitalizadas, sem que fossem ameaçadas de infecções hospitalares e sem qualquer problema emocional causado pelo internamento. Para o chefe da pesquisa, o abuso na internação ocorre em todos os hospitais do país e o que se tentou mostrar com esse trabalho é que toda a política de saúde tem que ser reformulada:

— Precisamos, o mais depressa possível, dotar os nossos ambulatórios de condições de atendimento. Precisamos pagar bem ao médico que atende no ambulatório; precisamos distribuir remédios, se a população pobre não pode comprar, e precisamos urgentemente orientá-la para que não pense que a internação é a única alternativa para suas crianças.

Otelo Schwambach disse que, nesse sentido, o governo já tem algumas iniciativas que vêm dando alguns resultados, como, por exemplo os programas de reidratação oral e de controle das doenças respiratórias. "É fundamental que se faça algo semelhante com relação ao atendimento ambulatorial, melhorando esse setor, até porque é muito mais econômico. Na nossa pesquisa, esse tipo de assistência mostrou que é oito vezes mais barato mesmo se dermos fichas telefônicas e passagens às mães pobres que precisavam tratar de seus filhos".

Ele acha que um programa de melhoria dos ambulatórios não é difícil de ser feito. "Tanto assim que o IMIP, um hospital que atende de graça e com poucos recursos, está construindo um grande laboratório para começar atender mais nessa área". Para ele, "se a política de saúde no país for orientada nesse sentido, não somente as crianças, mas também os adultos, vão se beneficiar com a assistência ambulatorial."